

QUANDO AS APARENTES COISAS MENORES MOSTRAM OS GRANDES MALES: HERBERTO HELDER E A SUA PASSAGEM POR ANGOLA

WHEN THE SMALLEST THINGS UNVEIL THE GREATEST INJUSTICES: HERBERTO HELDER AND HIS PASSAGE THROUGH ANGOLA

Marco Silva¹

RESUMO

A passagem de Herberto Helder por Angola, nos inícios dos anos 70 do século passado, durou perto de dois anos. Nesse período, enquanto viveu em Luanda, a par da poesia, o autor também se dedicou ao jornalismo, escrevendo crônicas e reportagens para um conceituado semanário ilustrado da época conhecido como **Notícia**. Muitos desses textos deram origem, postumamente, à obra **em minúsculas**, na qual é possível constatar nuances anticoloniais que, em certa medida, deitam abaixo esse imaginário colonial e imperial que o Estado Novo ainda se esforçava por tentar manter em África. Com rasgos de humor, não raras vezes, carregado de ironia, conscientemente mais apolíneas do que obscuras, essas crônicas e reportagens foram redigidas de uma forma mais simples, mas não devem ser lidas de uma maneira simplista. Sendo assim, o presente trabalho procura mostrar essa consciência crítica de Herberto Helder à mesa da redação do **Notícia** sobre as diretrizes coloniais do Estado Novo, cujo fim estava já a anunciar-se.

PALAVRAS-CHAVE: **em minúsculas**. Herberto Helder. Sociedade colonial angolana. Injustiça social. Consciência crítica.

ABSTRACT

Herberto Helder's stay in Angola, in the early 1970s, lasted for nearly two years. During this period, while living in Luanda, the author, alongside his poetic work, also dedicated himself to journalism, writing chronicles and reports for a prestigious illustrated weekly newspaper of the time known as **Notícia**. Many of these texts were later compiled posthumously into the work **em minúsculas**, in which one can discern anti-colonial nuances that, to a certain extent, undermine the colonial and imperial imaginary that the Estado Novo regime was still striving to preserve in Africa. Marked by flashes of humour, often laced with irony and consciously more Apollonian than obscure, these chronicles and reports were written in a simpler style, yet they should not be read simplistically. The present study seeks to highlight Herberto Helder's critical awareness at the **Notícia** editorial desk in relation to the colonial policies of the Estado Novo, whose downfall was already beginning to take shape.

KEYWORDS: **em minúsculas**. Herberto Helder. Angolan colonial society. Social injustice. Critical consciousness.

AH, APENAS UM OFÍCIO PAGANTE!

Ficou célebre a “Cantiga dos ais”, de Armindo Mendes de Carvalho, dita por Mário Viegas. Ambos, um pela escrita, outro pela recitação, mostraram bem como uma pequena e simples interjeição é capaz de ter uma grande e poderosa força expressiva. Mas não é do “ai” ou dos “ais” de que pretendemos falar, mas sim do “ah”. Que haja uma cantiga acerca desta interjeição, pelo menos num sentido mais literário, temos dúvidas. Mas que esta é uma interjeição capaz de expressar também vários valores semânticos ou várias emoções, isso é consabido. E duas delas, no nosso entender e para o que aqui é relevante, aplicam-se bem a Herberto Helder. Primeiro, exemplificamos e, depois, explicamos.

- Herberto Helder, o escritor, o poeta, o vate...
- Ah, sim, perfeitamente!
- Herberto Helder, o jornalista, o repórter, o cronista...
- Ah! Quem?

Ou seja, se, por um lado, a poesia herbertiana, com rasgos peculiares, dispensa grandes apresentações no panorama da literatura portuguesa, por outro, a sua faceta mais ligada à imprensa, já pode merecer um olhar mais distraído ou superficial. Daí o “ah”, porque, ao pronunciarmos a alguém o nome de Herberto Helder, enquanto poeta, ou ao lembrarmos alguns dos seus versos ou mesmo ao recordar um ou outro poema seu a alguém, um “ah” de admiração, de reconhecimento do seu valor literário, de um certo fascínio até, não causaria estranheza ou qualquer surpresa. Herberto Helder, o

escritor, o poeta, o vate: “— Ah, sim, perfeitamente!”. No entanto, uma pessoa que ouvisse falar de Herberto Helder enquanto redator de uns textos mais de cariz jornalístico um “ah” que seria uma mistura, isso sim, de estranheza e de surpresa, provavelmente assaltaria a sua mente e desprender-se-ia pela sua boca. Herberto Helder, o jornalista, o repórter, o cronista: “— Ah! Quem?”.

Ora, a verdade é que o autor de **Ofício cantante** também se dedicou a escritos da imprensa enquanto esteve em Luanda, colaborando no **Notícia**, uma publicação semanal e ilustrada, também amplamente conhecida pelo seu subtítulo, “o jornal de João Charulla de Azevedo”, em memória do seu primeiro editor e diretor que faleceu prematuramente. Digamos que esta colaboração foi uma espécie de passagem por um *ofício pagante*, necessário para se manter na capital angolana, sem qualquer tipo de aspirações a um *Pulitzer* na área do jornalismo, mas do qual resultaram textos interessantes, se bem que mais ou menos desconhecidos e a motivar pouca atração e profundidade, com a exceção talvez de Maria Estela Guedes (2010, p. 141-168). Em 2018, muitos deles, mas não todos, muitos dos que foram escritos e publicados entre abril de 1971 e junho de 1972, foram resgatados das páginas antigas do **Notícia** (sem as fotografias que os acompanhavam, infelizmente) e deram origem à coletânea que foi intitulada, por Daniel Oliveira, filho de Herberto Helder, **em minúsculas**.

Nesta obra póstuma, que contou também com a participação de Diana Pimentel e Raquel Gonçalves, podemos encontrar e ler um conjunto diversificado de, como o subtítulo realça, “crónicas e reportagens de Herberto Helder em Angola”. Umas mais simples e espontâneas; outras um pouco mais profundas e sérias; umas mais espirituosas e humorísticas; outras ainda um pouco mais irónicas e mordazes. Em quase todas, no entanto, se constata duas marcas. A primeira, e a mais geral, é aquela distinta mundividência herbertiana que se sente em muitos dos textos, ainda que de forma dissimulada, sob essa roupagem típica, algo versátil e até híbrida da crónica ou da reportagem². A segunda, a mais particular e a que mais nos interessa para aqui, é aquela sua vivência ou experiência africana de “onde a crítica política e social vai surgindo no retrato que faz de Luanda, um cabaré onde as lantejoulas tapam onde dói muito, e de Angola” (Helder, 2018, p. 8-9).

Longe de saber o que o ano de 1974, já ali à espreita, traria, Herberto Helder viveu num país e numa cidade onde a política colonial portuguesa estava presente e teimava em continuar a sua disseminação por entre os meandros da sociedade. Imerso no quotidiano dessa mesma sociedade, exercendo essa profissão de jornalista, deslocando-se aos locais dos vários acontecimentos, vendo, claramente, o que ia encontrando pela frente, Herberto Helder não ficou indiferente a essa representação do colonialismo que continuava a desenhar-se, um pouco atabalhoadamente, em Luanda, em particular, e por Angola, em geral. As suas crónicas e reportagens, que exploram temas diversos, tocando até em domínios artísticos, culturais e científicos, com um poder de observação próprio — “ver é a maneira de entender” (Helder, 2018,

p. 69) —, espelham igualmente essa “missão portuguesa” que, em bom rigor, estava longe de ser “civilizadora”. É precisamente neste sentido que muitos dos textos de **em minúsculas** constituem um convite à reflexão não só sobre um passado colonial, mas também sobre essa identidade portuguesa que estava já com muitas dificuldades em encaixar-se nas matrizes angolanas e que parecia já vaticinar o que Abril de 1974 provocaria.

Com efeito, as crônicas e as reportagens de Herberto Helder em Angola podem até decorrer desse mero *ofício pagante*, mas não deixam de representar um conjunto de textos com nuances anticoloniais que, em certa medida, deitam abaixo esse imaginário colonial e imperial que o Estado Novo ainda se esforçava por tentar manter. São, por isso, os textos que perfilam **em minúsculas**, em certa medida, estão “orgulhosamente sós” no que à produção escrita de Herberto Helder diz respeito. Podem ser vistos de uma forma simples, mas não devem ser lidos de uma maneira simplista. E é por isso que vamos a eles, a esses mesmos textos, queremos dizer.

ALGO VAI MAL NA COLÔNIA PORTUGUESA DE ANGOLA

Almeida Garrett pensaria duas ou três vezes em sair de sua casa se estivesse no frio de São Petersburgo. É o que nos mostra no começo das suas **Viagens na minha terra**. Felizmente, estava em Portugal, “com este clima, com este ar que Deus nos deu” (Garrett, 2001, p. 19), ameno, e, por isso, tendo em conta o convite que recebeu, decidiu-se a sair de Lisboa com um objetivo em mente. Diz ele: “Vou nada menos que a Santarém: e protesto que de quanto vir e ouvir, de quanto eu pensar e sentir se há de fazer crônica” (Garrett, 2001, p. 19). Temos dúvidas de que, se Almeida Garrett estivesse em Angola, também saísse de casa. Não por causa do frio, é óbvio, mas por causa do calor, e julgamos que Herberto Helder também partilharia desta opinião. Deduz-se isto pelo que escreveu logo na primeira crônica de **em minúsculas**, “Dostoievski, telefones e Luanda”.

O frio suporta-se. Não convida a sair de casa, mas suporta-se. É um mal necessário. Herberto Helder prova-o, recorrendo, ironicamente, ao universo romanesco de **Os irmãos Karamazov**, de Fiódor Dostoievski. Com o calor, porém, a história já é diferente. O calor tórrido de Luanda aguenta-se a custo. Não convida a sair de casa e é nela que se deve ficar. É um bem necessário. Porém, entre o frio de São Petersburgo do escritor russo e o calor de Luanda de Herberto Helder não há só um século de diferença, há também um problema comum: a dificuldade de comunicar à distância. Daí que não espante que Dostoievski tivesse de pôr as suas personagens a suportar o frio para dar um recado, para se perguntar algo, para falar com alguém. Tinha de ser. Em 1971, em pleno século XX, no entanto, aguentar o imenso calor de Luanda não tinha de ser, porque já existiam telefones, ou melhor, deviam existir telefones nessa capital. Mas, à luz do que na primeira crônica de **em minúsculas** Herberto Helder nos apresenta, a verdade é que parecia haver falta deles ou a central telefônica tinha os seus mais baixos do que altos, o que impossibilitava uma comunicação fácil, ágil, pragmática. E é Hamlet que, sendo da Dinamarca, e estando, por isso, mais próximo

da Rússia do que de Portugal e de Angola, ajuda a concluir, com humor, a crônica: “Alguma coisa está podre no Reino da Dinamarca, como diria um antepassado cheirador... Tá?” (Helder, 2018, p. 11). Sim, “tá”, mas não é apenas “alguma coisa” que “vai mal no Reino da Dinamarca”, entenda-se Angola. Na verdade, há “muita coisa” que não está bem.

Na crônica “Luanda desfaz-se”, por exemplo, em que o tom de Herberto Helder é menos humorístico e um pouco mais desassossegado, já não há aquele calor tórrido. Agora, são as abundantes chuvas que não dão tréguas à cidade, que manifestamente não está preparada para as receber. Apesar de não serem assim tão frequentes, a verdade é que, em anos passados, já se repetiram situações semelhantes, o que levou a “garantias oficiais” quanto à “construção de redes de esgotos” através dos quais “os escoamentos seriam perfeitos” (Helder, 2018, p. 26). “Seriam”, mas não foram:

Estradas aparentemente sólidas, com o seu moderno macadame, aluem de repente. Prédios com o ar de que há gente para durar morando lá dentro abrem-se pelo meio. Valas com metros de fundura rasgam-se à frente de quem vai. Que é isto, senhores? É a que imprensa continua com o seu tema. As garantias dadas não foram, devida ou extensamente, satisfeitas. Não se construíram as tais famosas redes de esgotos, o escoamento não cumpre.

Como pode viver tranquilamente uma população que tem sobre os pés a literal ameaça de buracos e valas; e por cima da cabeça telhados que se desfazem; e à volta condutas que rebentam?

Uma espécie de pendente apocalipse quotidiano paira sobre as nossas idas e vindas urbanas, sobre o nosso sono e o nosso trabalho urbano.

Com os seus bairros clandestinos, erguidos em condições piores que suspeitas; com a bizarria das suas in-soluções de urbanização; com as insolúveis problemas de esgotos; com as suas águas mil, contra as quais as garantias já não garantem — LUANDA DESFAZ-SE. (Helder, 2018, p. 26)

O quadro que Herberto Helder pinta aqui não é o que se espera de uma capital. Com efeito, se, por um lado, se podem entender os transtornos causados pela inexistência de um telefone ou pelo seu mau funcionamento, por outro, não parece compreensível como na maior cidade de Angola não exista um adequado escoamento das águas pluviais, depois de tantas promessas políticas. Está-se a falar de crônicas, mas parece que este problema de Luanda, aos olhos de Herberto Helder, já se tornou crónico: “as garantias já não garantem”.

Curiosamente, o que há de excesso num sítio há em escassez noutro, como se verifica na referência à falta de água no Lobito que o autor experienciou aquando de uma estadia “num hotel assim-assim, mais para cima do que para baixo” (Helder, 2018, p. 30), porque os Bombeiros Voluntários do Lobito não tinham lá ido ainda levar esse líquido essencial. Herberto Helder não nos dá uma “Lição sobre a água” ao jeito de António Gedeão na

sua crônica “Espantos no Lobito”, mas faz realçar a forma como se espantou “desaustinadamente naquele hotel durante cerca de 36 horas” (Helder, 2018, p. 31). Felizmente, ninguém morre nessa crônica devido à falta de água, por causa dela ou até com ela, ao contrário do que acontece no poema no qual “apareceu a boiar o cadáver de Ofélia / com um nenúfar na mão” (Gedeão, 2007, p. 39).

A invocação de Ofélia é propositada e é para a juntar ao príncipe Hamlet que ficou mais em cima. Este par amoroso que William Shakespeare eternizou não teve filhos. Tendo em conta a sua relação, também seria complicado tê-los. Em Angola, seria ainda mais complicado. É disso que nos dá conta o texto “Partos difíceis”, que devia ser uma autêntica reportagem sobre a ‘Maternidade Maria do Carmo Vieira e Machado’, inaugurada a 08 de setembro de 1938. Só não o foi, porque eram “precisas muitas autorizações. Sabe-se: a do chefe, a do chefe do chefe e a do chefe do chefe do chefe. Pois, o costume” (Helder, 2018, p. 28). Por causa disto, Herberto Helder apenas pôde conversar um pouco com D. Idalina, com quem simpatizou desde logo e que era a enfermeira-chefe dessa:

Maternidade velha [que] está para ir abaixo vai para muitos anos, enquanto vai para muitos anos já se constrói mesmo ao lado a Maternidade nova. Ele há um tempão que se levanta aquele difícil edifício, mas visto que se levanta, um dia estará forçosamente levantado. Então haverá bons quartos, boas salas de cirurgia, boas aparelhagens, boa higiene. E agora neste, no velhinho? (Helder, 2018, p. 28)

Neste, o que há são as imensas dificuldades diárias que D. Idalina e as suas insuficientes companheiras enfermeiras têm de enfrentar herculeamente face ao número elevado de parturientes que lá chegam.

A visão que Herberto Helder nos passa dessa maternidade, quando a visita em 1971, 33 anos depois da sua inauguração, corrobora o peso da idade e o esforço daquele edifício de cariz social:

Conversávamos no gabinete de D. Idalina, cercados por quatro ou cinco enfermeiras que diziam que sim com a cabeça. O corredor, fora, era triste. Um ar de carência geral. Todo o edifício tinha um aspeto relapso, digamos. Escapava ao espírito das suas funções. Esta mesma impressão já a colhêramos nós em muitos hospitais, maternidades, posto clínicos, etc., tanto aqui como acolá. Gostámos de D. Idalina. Uma mulher enérgica e hábil, ordenada e inteligente. Sabe falar, sabe atacar ou rodear as questões, sabe cativar. Se lhe dessem a nova Maternidade, se arranjassem bom e eficiente pessoal, se pudesse contar com... O velho edifício está moribundo, o novo é um «parto» difícil. Depois, D. Idalina, ele não é só o «parto». Porque há tantas coisas com que se não pode contar! As estruturas de que falam por aí umas gentes. Pois, pois. Aos sairmos, ia a entrar uma grávida. Tivemos pena. (Helder, 2018, p. 29)

E quem também teve “pena” foram os próprios colegas e amigos de Herberto Helder do **Notícia** quando ele e o seu companheiro de reportagens, Eduardo Guimarães, tiveram um violentíssimo acidente de automóvel que quase lhes custou a vida. Falava-se aqui dessa célebre maternidade de Luanda, mas a verdade é que ambos quase foram parar ao necrotério.

O texto que relata isto não é uma crônica nem uma reportagem, nem sequer é do próprio punho do autor de **A morte sem mestre**. É mesmo uma “notícia do acidente de Herberto Helder que resultaria num coma de um mês” (Helder, 2018, p. 191), o último texto de **em minúsculas**. O redator do que se passou nesse “dia aziago para o **Notícia**” não deixa de destacar a gratidão por tudo o que foi feito para salvar a vida dos seus companheiros, mas também não deixa de realçar também uma certa “mágoa”, decorrente das “dúvidas quanto à eficiência da assistência médica durante a permanência dos nossos camaradas no Hospital Sub-Regional do Lobito” (Helder, 2018, p. 193).

Ora, tudo isto que se tem vindo aqui a apontar dá a impressão de que a política social ultramarina não conseguia enfrentar os seus próprios desafios e tinha muita dificuldade em conseguir incluir recursos financeiros, programas, serviços e soluções que promovessem condições dignas, que reduzissem desigualdades, que garantissem direitos básicos e que fomentassem até a justiça social para a população. A verdade é que essa ideia de um “colonialismo triunfante” (Neto, 2000) delineado pela política do Estado Novo aparece bem enviesada em muitos dos textos que foram coligidos para dar forma a **em minúsculas**.

Em **Do colonialismo como nosso impensado**, Eduardo Lourenço (2014, p. 29) mostra-nos como “Salazar quis administrar aos olhos do mundo a prova que o nosso colonialismo é de essência positiva e radicalmente diferente dos outros.” Havia nas palavras do governante português uma forte crença na tese de que a política ultramarina portuguesa era aquela que conseguiria, simultaneamente, defender e desenvolver melhor os interesses africanos. Tudo fundamentado naquele desígnio, quase mito, de uma nação multirracial e pluricontinental, sustentada pela apropriação do ideal plasmado no lusotropicalismo. Daí a montagem de grandes operações de propaganda que criavam a ilusão de que, nas províncias ultramarinas, especialmente em Angola, a vida é que era. No entanto, nos inícios dos anos 70 do século passado, já com Marcelo Caetano no poder, após a morte de António Oliveira de Salazar, à luz do que se lê em textos de **em minúsculas**, não, a vida, com efeito, não era. Nem sequer havia dinheiro para pagar aos seus funcionários públicos, cujos vencimentos havia dois meses que não eram pagos, como se constata na crônica “Da gente hospitalar”, que decorreu do seu internamento no Hospital de S. Paulo em Luanda em recuperação do acidente de viação de que foi vítima.

A verdade é que, nesse tempo, aquando da passagem de Herberto Helder por Angola, já havia uma forte descrença quanto ao colonialismo português. As desigualdades e as tensões sociais, a economia débil, a guer-

ra do Ultramar, a pressão internacional, tudo isto e mais ainda do que isto estavam já a atingir proporções desmesuradas e difíceis de aguentar. Em linha com Eduardo Lourenço, Maria da Conceição Neto (2000), ao dar-nos uma ampla visão sobre a história política, social e económica de Angola durante o século XX até 1974, desmonta habilmente muitos desses mitos associados a um “colonialismo triunfante”, sob a égide do lusotropicalismo e de uma “integração harmoniosa”. Quem lê as crônicas e as reportagens de **em minúsculas** facilmente percebe que, na realidade, existia muita desarmonia em Angola. É por isso que, sem realmente saber, o Império português desmoronava-se, ou melhor, de acordo com Jaime Nogueira Pinto (2013), continuava lentamente a desmoronar-se e a aproximar-se do seu fim, século e meio depois de outra parte importante desse império, o Brasil, se ter tornado independente.

NEM TUDO TEM DE SER OBSCURO

Em anos anteriores, entre 1958 e 1960, Herberto Helder já tinha feito uma viagem por alguns países mais a norte da Europa, como a França, a Bélgica ou os Países Baixos. O livro de contos **Os passos em volta**, em certa medida, dão conta disso mesmo. Essa viagem, porém, nada teve de turística, nada teve a ver com a realidade quotidiana. Pode dizer-se que foi mesmo “uma viagem pelo inverso da realidade” (Silva, 2009), pelo submundo, pela marginalidade, pela periferia, fonte do essencial desse narrador-viajante, em que as insignificâncias possuíam um genuíno significado.

É no conto “Poeta obscuro” que surge uma frase que ganhou contornos significativos no âmbito da escrita de Herberto Helder e que até serviu de título para um documentário³: “Meu Deus, faz com que eu seja sempre um poeta obscuro” (Helder, 2001, p. 167). De facto, a obscuridade, mais do que uma marca distinta da mundividência poética herbertiana, é um sobretudo um modo de vida que o poeta de **A faca não corta o fogo** sempre fez questão de cultivar, recusando tudo aquilo que fosse capaz de colocar um foco sobre ele. Sabemo-lo bem. Todos o sabiam bem, até porque, na realização do documentário, que surgiu pouco tempo depois da sua morte, de vinte e nove personalidades convidadas a participar e a deixar os seus testemunhos sobre a vida e a obra de Herberto Helder, só doze aceitaram falar e alguns com reservas.

No entanto, a faceta que vemos em **em minúsculas** não é a mesma; não é obscura; não é a poética; é outra; é diferente. Os textos aí escritos, muitos com uma linguagem a resvalar para o poético, têm alguma consideração pelo leitor e sobretudo pelas pessoas que neles estão presentes, pessoas essas com quem contactou e falou, que entrevistou ou contemplou. Numa palavra, a pessoa humana assume importância ali. São crônicas e reportagens; é jornalismo. Recolher, analisar, informar, tendo em conta o interesse público, são verbos cujo significado fazem parte dessa atividade profissional. Tudo seguindo princípios éticos e deontológicos, ou melhor,

tudo tendo em conta princípios éticos e deontológicos que deviam ser seguidos, mas que nem sempre eram, à luz do que escreve sarcasticamente em “Maiúsculas e minúsculas”. Neste sentido, e ao contrário do que acontece na sua poesia, surpreende um certo instinto apolíneo que sobressai de muitos textos de **em minúsculas**. Mas não se pense em Nietzsche, porque, entre este e Herberto Helder, os princípios apolíneos apenas se avizinham, não moram juntos. Aquilo que prendendo realçar é que Herberto Helder, em alguns momentos, parece que trabalha a linguagem com a consciência de que está a cumprir um dever. Ou seja, as crônicas e as reportagens são uma forma de denúncia e alerta, pois, através delas, não só vai apontando o que está mal, como também vai desmascarando situações de injustiça política, social e cultural de que se vai apercebendo ou que vai presenciando. Em menos palavras, além dessa consciência mais crítica, pulsa também, em paralelo e em muitos textos, uma certa consciência formativa e até algo educativa.

Na crônica “Os que infetam”, e mesmo em “O gozo da literatura”, Herberto Helder desconstrói, subtilmente, a argumentação criada por algumas editoras de que os livros usados constituem um “possível instrumento de transmissão de doenças infetocontagiosas” (Helder, 2018, p. 55-56). É uma falácia perante a qual não pode ficar calado e indiferente. Por isso, urge escrever contra “essa prosa de má-fé” (Helder, 2018, p. 55) que priva a população de um algo tão importante quanto imprescindível: a leitura enquanto transmissão e preservação da cultura. Com efeito, a leitura é uma prática cultural fundamental para o desenvolvimento humano, intelectual e para a formação de cidadãos atentos, críticos e conscientes. Ler, sim, transmite conhecimento e informação, ajuda a construir uma memória coletiva, mas também faz moldar identidades, promovendo a inclusão social e contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Se decidirmos ir no encalço de Herberto Helder “nessa volta por Luanda” (Helder, 2018, p. 91) que decide fazer em “O gozo da literatura” a fim de corroborar (e gozar com) a suposta falta de hábitos de leitura da população, somos capazes de assistir a três planos que se cruzam e se interpenetram harmoniosa e humoristicamente. O primeiro, mais patente, mostra que pessoas há muitas, assim como os livros, revistas e jornais. Cada um lê o que quer, o que o satisfaz, o que lhe proporciona prazer⁴. O segundo plano, mais latente, revela que a atividade de leitura, seja de que tipo for, perpassa por todas as idades, por todos os espaços e por todas as camadas sociais da população como que a uniformizando, mas num bom sentido, isto é, não há leitores de primeira, nem leitores de segunda; não há ricos, nem pobres; há apenas leitores que encontram na sua leitura um momento único de prazer, de escape, de sonho. O terceiro e último plano, mais profundo ainda, deixa perceber que há qualquer coisa de transformador e de contagiante, não de infetocontagiosa, em ler. Uma população leitora, mais culta, mais atenta, mais interessada, é uma população que se renova, que se eleva, que se expurga da mesquinhez e da desfiguração. Por isso, com que direito as editoras fazem agora esse *slogan* “Defenda a sua saúde, não manuseando

livros usados.” (Helder, 2018, p. 55)? A verdade é que não há direito, nem há qualquer suporte científico. E também não há motivos para todos esses arautos da indignação se elevarem “por a população não se encontrar devota às leituras” (Helder, 2018, p. 91), uma vez que, na verdade, ela até o é de uma forma generalizada, como fica provado nesse percurso por Luanda.

Ler é bom, não há dúvida. Que se deve começar cedo, quando ainda se é uma criança, e que a escola deve ter um papel importante na formação de leitores também não há dúvida. No entanto, nos compêndios e na escola do Estado Novo, uma escola mais para alguns do que para todos, também havia algumas desarmonias e também muitos vidros partidos, tal era o estado de degradação. Foi com o que se deparou quando, em reportagem, visitou a Escola do Bairro do Catambor, em Luanda, a qual deu origem ao texto “Como todas as escolas esta tinha os vidros partidos”. Contudo, é na crônica “Cada qual com o seu Natal” que Herberto Helder expõe o caricato que é uma criança portuguesa, mas que nunca saiu de Angola, que apenas experienciou temperaturas elevadas, altos níveis de humidade, sol, enfim, o clima tropical, ao longo de quase todo o ano, ter de escrever sobre o imaginário associado ao Natal, com neve, com temperaturas baixas, com nevoeiro. “É a fórmula a matar a forma. Nenhuma intenção — por mais defensável — salvará do ridículo esta corrupção da verdade. No entanto, ela lá está nas redações escolares” (Helder, 2018, p. 54).

Portanto, em muitos dos textos de **em minúsculas**, ressalta um certo comprometimento com a realidade, uma certa moralidade até que encontra eco nessa dimensão formativa e (anti)pedagógica que perpassa por várias crônicas e reportagens. E a este propósito, Ana Cristina Joaquim (2019), a partir da crônica “Aprender ou não”, mostra bem como Herberto Helder também se presta, ao seu jeito, isto é, arguciosamente, a problematizar o que é e não é, o que pode ser e não ser considerado pedagógico. Mas, ao contrário de uma simples notícia, por exemplo, esses textos de **em minúsculas**, porque manifestam um autor muito atento ao real, aos problemas que assolam o quotidiano, permitem também denunciar injustiças políticas, sociais e culturais e desmascarar muita hipocrisia escondida, com recurso a um fino humor, ao mesmo tempo que contribui para elevar a pessoa humana e dignificá-la. Neste sentido, a passagem de Herberto Helder pelo jornalismo e pelo **Notícia** pode até ter sido fugaz e algo insignificante para ele, mas não deixa de ser surpreendente a quem lê o que escreveu o afloramento de uma consciência norteada para a crítica e para a intervenção nos problemas que afetam as pessoas.

Numa das crônicas, com o título “Muitos ouvidos para fora”, é o próprio Herberto Helder quem alude ao que é e como devem ser os critérios do jornalista e do jornalismo:

Começa uma pessoa a ponderar o que é esta história de jornalismo, e fica seu quê baralhada. Primeiro que tudo, tem de limpar a casa dessas ideias grandiosas de missão, de formação, e etcétera e tal. O jornalista. Emite opiniões pessoais? É um

reflexo das opiniões feitas? Bem. Opiniões pessoais sim, mas bastante devagar. Um bocadinho só para a enorme descrença, a ironia (incluindo a autoironia, claro), o cansaço das esperanças circunvizinhas.

Vamos então escrever sobre o que desejam os outros. Vamos, sim senhores. Vai ser bom. Vai ser aplaudido. Como vai ser gostado! Mas quem é deseja o quê? Porque, vai-se a ver, e há tribos e tribos de públicos. [...]

Há uma ideia que não nos parece má: divertir instruindo. Mal acabamos de escrever a expressão, e é uma vontade de rir que até faz mal às vísceras. (Helder, 2018, p. 71-72)

Todo o registo desta crônica é pautado pela ironia do início ao fim, mas já sabemos, claramente sabido, tal como Gil Vicente bem sabia, que *ridendo castigat mores*. Herberto Helder refere que a melhor maneira de escrever crônicas e textos afins é “divertir instruindo” e ri-se, logo de seguida, do que diz, seguindo esse princípio de “autoironia”, fazendo lembrar a conclusão do “Autorretrato” de Alexandre O’Neill, que, aliás, também se dedicou à escrita de crônicas. Mas quem é que se “diverte” enquanto se vai “instruindo”? O autor? O leitor? Ambos? Podemos, novamente, invocar a crônica “Aprender ou não”, cujo título instaura, desde logo, uma certa essa ambiguidade e cujo conteúdo realça esse “hibridismo” da escrita, do real, da realidade e do mundo, como tão bem apontou Ana Cristina Joaquim (2019, p. 181 e ss.), com que Herberto Helder sempre fez questão de marcar o seu ofício criativo, fosse ele poético, fosse ele, para o que aqui nos interessa, mais jornalístico.

Assim, destrinçar o que é verdade e o que é menos verdade e quem faz o quê nas palavras de Herberto Helder pode ser um pouco difícil. Mas esta tarefa, em boa verdade, não é assim tão relevante, porque, se olharmos para muitos outros textos de **em minúsculas**, percebe-se, efetivamente, que a melhor maneira de chamar a atenção para as coisas é apontar o seu absurdo, o seu contrário, o que está mal e rir delas. A censura, que continuava a ser uma prática comum em Angola nos inícios da década de 70, embora não tão rígida quanto na Metrópole, não raras vezes, era contornada através do recurso à ironia, que permitia expor esse contraste entre o ser e o parecer de forma incólume e desarmante. E foi isto mesmo que Herberto Helder também foi fazendo na redação do **Notícia** enquanto esteve em Luanda.

UM OLHAR PARA O QUE NÃO SE MOSTRA

Na generosa biografia que João Pedro George (2025, p. 422-497) dedica a Herberto Helder, há memórias e testemunhos de várias pessoas que conviveram e trabalharam com o autor madeirense em terras africanas, o que nos fornece dados muito interessantes sobre a sua passagem por Angola, por Luanda e até pela mesa de redação do **Notícia**. Eis alguns deles: que foi parar a essa colónia portuguesa por mero acaso, pois, na verdade, o

seu bilhete de avião era para uma outra, para Moçambique; que se integrou rapidamente e muito bem na sociedade civil e cultural luandina; que era “um homem espirituoso e maravilhosamente sedutor. Mas que podia ser cáustico, cortante e irónico” (*apud* George, 2025, p. 436); que usufruía nesse semanário ilustrado que era o **Notícia** de um certo estatuto especial; “que ali fazia e escrevia o que queria” (*apud* George, 2025, p. 430); que “era um homem muito perfeccionista. Escrevia de rajada e, quando não gostava de alguma frase, não emendava, tirava a folha e começava de novo. A rasura, para ele, não existia. Não gostava de rasurar, punha a folha de lado” (*apud* George, 2025, p. 429).

Por outras palavras, também aqui, nas suas crônicas e reportagens, Herberto Helder desenvolveu um *estilo* próprio, livre e contestatário, até porque o jornal era dado a isso. Se o fazia com alguma intencionalidade ou apenas desprezenciosamente, um fazer apenas por (sobre)viver através desse *ofício pagante*, cremos que, destes dois propósitos, nenhum se pode afirmar categoricamente. Talvez fosse, em bom rigor, um pouco dos dois. Daquilo que parece não haver dúvidas é de um certo brio profissional que Herberto Helder cultivava.

Muitos dos textos que foram reunidos para dar forma a **em minúsculas**, lidos hoje, a uma distância temporal que já passou o meio século, apresentam um redator que conseguia observar a realidade que o envolvia, que estava atento aos pormenores e aos problemas político-sociais que existiam em Angola, particularmente em Luanda. Mas um redator é sempre um Homem, com maiúscula, e, no caso de Herberto Helder, essa máxima terenciana de que *homo sum: humani nihil a me alienum puto* parece fazer algum sentido, porque as crônicas e as reportagens, ainda que fossem encaradas como textos minúsculos para o autor, ao contrário do empenho que dedicava à sua poesia, revelam uma faceta mais próxima do outro, mais atenta ao próximo.

Na crônica “Varre, varre, vassourinha”, Herberto Helder sente-se “impressionado”, “envergonhado” e “culpado” (Helder, 2018, p. 130) por constatar, *in loco*, as condições paupérrimas e insalubres em que os varredores da Câmara Municipal e as suas famílias habitavam. Aqui, neste texto, não há ironia, embora haja uma delicada dose de humor e uma metáfora marcante, a do corpo. Luanda é um corpo e Luanda, o corpo, não está bem. “Cada coisa manifesta o espírito de todo, e se aqui dói é porque está mal no corpo inteiro. E, depois, são já muitas coisas pequenas juntas — e isso começa a ser uma coisa grande. Atenção às aparentes coisas menores. É que mostram os grandes males” (Helder, 2018, p. 131).

Angola e particularmente a Luanda dos anos 70 do século passado já há muito que rogavam por mudanças sem, em boa verdade, as solicitar. A vida, sobretudo na capital, até podia não ser má para muitos portugueses, mas não era assim tão boa para toda a população. Atento ao que não se mostrava, olhando para o que muitos porventura escolhiam ignorar, escre-

vendo sobre as impressões que toda essa realidade colonial lhe convidava a ver, Herberto Helder, através de muitos dos escritos de **em minúsculas**, lidos agora, passado um pouco mais de meio século, como que anunciava o princípio do fim do regime imperialista e ultramarino ali. Efetivamente, quando “as aparentes coisas menores [...] mostram os grandes males” e eles já estão de certa forma disseminados, não há muito a fazer. Diz-se, popularmente, que “para grandes males, grandes remédios”. Neste caso, felizmente para uns, infelizmente para outros, como mostram as sondagens “50 Anos de Independências — A descolonização portuguesa e os seus legados”⁵, desenvolvida pelo CESOP — Universidade Católica Portuguesa, em parceria com a Comissão Comemorativa 50 Anos 25 de Abril e a RTP, sobre a descolonização e as independências africanas, já não parecia haver qualquer remédio. A descolonização tornou-se uma inevitabilidade. Herberto Helder é que já não assistiu a ela em Angola, mas sim a partir de Lisboa.

E é assim que, através de **em minúsculas**, através desses textos que se inscrevem dentro de um período muito específico da história portuguesa em Angola, podemos ser levados, se quisermos, a um outro valor do “ah”, eivado de uma certa admiração e de deslumbramento, presente, por exemplo, na frase “Ah, agora compreendi!”. Mas o quê? Esse outro Herberto Helder, o que está por trás das crônicas e das reportagens que redigiu, e o valor irrefutável que esses textos também apresentam. Não são textos para a memória, nunca o pretenderam ser. No entanto, lidos hoje em dia, é impossível não perceber as memórias esquecidas do colonialismo português em Angola que eles exalam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Lisboa: Edições 70. 2001.
- GARRETT, Almeida. **Viagens na minha terra**. Introdução, fixação do texto e notas de António Cândido Franco. Lisboa: Guimarães Editores, 2001.
- GEDEÃO, António. **Obra completa**. 2.^a ed. Lisboa: Relógio D'Água. 2007.
- GEORGE, João Pedro. **Se eu quisesse, enlouquecia**: biografia de Herberto Helder. Lisboa: Contraponto, 2025.
- GUEDES, Maria Estela. **A obra ao rubro de Herberto Helder**. São Paulo: Escrituras, 2010.
- HELDER, Herberto. **Os passos em volta**. 8.^a edição. Lisboa: Assírio & Alvim, 2001.
- HELDER, Herberto. **em minúsculas**. Porto: Porto Editora, 2018.
- JOAQUIM, Ana Cristina. Real e realidades híbridas: Herberto Helder entre a pedagogia e o crime. **eLyra** – hibridismos na poesia moderna e contemporânea, n.º 13, p. 169-189, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21747/21828954/ely13a9>. Acesso em: 02 nov. 2025.

LOURENÇO, Eduardo. **Do colonialismo como nosso impensado**. Lisboa: Gradiva, 2014.

NETO, Maria da Conceição. Angola no século XX (até 1974). In: ALEXANDRE, Valentim (coord.). **O império africano: séculos XIX e XX**. Lisboa: Edições Colibri/Instituto de História Contemporânea da FCSH-UNL, 2000, p. 175-195.

PINTO, Jaime Nogueira. **Portugal: ascensão e queda**. Lisboa: D. Quixote, 2013.

SILVA, Marco. **Os passos em volta de Herberto Helder: uma viagem pelo inverso da realidade**. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, 2009.

Recebido para avaliação em 01/09/2025.

Aprovado para publicação em 30/10/2025.

NOTAS

1 Licenciado em Humanidades e mestre em Literatura Portuguesa — Época Contemporânea, pela Universidade Católica Portuguesa — Braga. Atualmente, é professor de Português na Escola Secundária de Alcides Faria, em Barcelos. Muita da sua investigação em literatura portuguesa centra-se na obra de Herberto Helder. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2510-4415>

2 Não é nossa intenção enveredar por uma abordagem acerca das características destes textos jornalísticos, especialmente da crónica, e mostrar as suas estreitas ligações à esfera do literário. Que as há, lá isso há. Daí que muitos cronistas sejam precisamente escritores. A nossa intenção, essa sim, é apenas focar o conteúdo de textos escritos pelo punho de um escritor maior da literatura portuguesa e que estão presentes apenas na coletânea **em minúsculas**, porque a verdade é que Herberto Helder escreveu mais crónicas e reportagens do que as que foram aí coligidas.

3 Trata-se, mais concretamente, de um documentário biográfico sobre a obra de Herberto Helder. A realização é de António José de Almeida. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-p0CnJ-FW_E. Acesso em: 30 jun. 2025.

4 A este propósito, não é despendendo uma pequena observação. Herberto Helder não envereda pela distinção entre “texto de prazer” e “texto de fruição”, no sentido barthesiano dos conceitos (Barthes, 2001). Também não podia, porque **O prazer do texto** só veio a lume em 1973, dois anos depois de “O gozo da literatura” ter saído no **Notícia**. Mas a verdade é que anda lá perto ao constatar o tipo de leituras com que se vai deparando e o que elas suscitam nas pessoas.

5 Disponível em: <https://50anos25abril.pt/iniciativas/sondagem-a-descolonizacao-portuguesa/>. Acesso em: 07 jul. 2025.